

## OSÉIAS 6,6a E O “SHABBAT-MISERICÓRDIA” COMO CENTRO DA DUPLA CONTROVÉRSIA MATEANA EM MT 12,1-14.

**Donizete Luiz RIBEIRO**

Doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris, Superior Geral da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, Diretor Acadêmico do CCDEJ para o quinquênio 2021-2026, membro associado das Associações ACFEB e ABIB, Editor da Revista Cadernos de Sion e participa da diretoria da Revista *El Olivo*.

### Resumo

Oséias 6,6a é citado duas vezes no Evangelho de Mateus. Este artigo relaciona, argumenta e busca demonstrar que a Misericórdia (τῶν ou ἔλεος) tão fundamental para Oséias foi retomada pelo Evangelho de São Mateus como figura central da prática judaico-cristã e pode ser entendida em relação ao shabbat. Assim, misericórdia e shabbat, na compreensão mateana, à luz do seu enraizamento judaico e de seu “*milieu vital*”, podem ser entendidos como “shabbat-misericórdia” enquanto centro e resposta à dupla controvérsia em Mt 12,1-14.

**Palavras-chave:** Shabbat, Controvérsia, Septuaginta, Mateus, Targum, Tannaim.

### Abstract

Osée 6,6a est cité deux fois dans l'évangile de Matthieu. Cet article met en lien, donne ses arguments et cherche à démontrer que la miséricorde (τῶν / ἔλεος) si fondamentale pour Osée fut reprise par le premier Evangile comme figure centrale de la pratique judéo-chrétienne et peut être comprise en rapport au shabbat. Ainsi étant, dans la compréhension mathéenne, miséricorde et shabbat, grâce à l'arrière-fond juif et son “*milieu vital*”, peuvent être comprises comme “shabbat-miséricorde” en tant que centre e réponse à la double controverse de Mt 12,1-14.

**Keywords:** Shabbat, Controverse, Septuaginta, Matthieu, Targum, Tannaïm.

### Introdução

Nosso propósito neste artigo não é uma análise literária da dupla controvérsia de Mt 12,1-14 e de seu enraizamento judaico que foram o objeto de nossa pesquisa de doutoramento (RIBEIRO, 2009). Pretendemos demonstrar como a dupla citação mateana de Os 6,6a, seu contexto bíblico e a trajetória desse versículo de Oséias 6 na tradição judaico-cristã, podem fundamentar e explicar como e em quais condições

a misericórdia, em Mt,12,1-14, tornou-se “shabbat-misericórdia”, centro da resposta mateana à dupla controvérsia sobre o *shabbat*.

### 1. O recurso mateano a Os 6,6a. Uma chave de leitura para a dupla controvérsia?

Por duas vezes o Evangelho de Mateus faz uso de Os 6,6a; o primeiro recurso encontra-se em Mt 9,13 e o segundo aparece na dupla narrativa de controvérsia comum aos três sinóticos (Mc 2,1-12; Lc 5,17-25 e Mt 9,1-13).<sup>1</sup> A repetição dessa mesma citação em Mt 9,13 e 12,7 constitui a resposta mateana por excelência à dupla controvérsia sobre o *shabbat*.

Em Mt 9,9-13, Jesus responde à questão dos fariseus que perguntam a seus discípulos: “Por que vosso mestre come com os coletores de impostos e os pecadores? *Διὰ τί μετὰ τῶν τελωνῶν καὶ ἀμαρτωλῶν ἐσθίει ὁ διδάσκαλος ὑμῶν*” (v.11b). A resposta de Jesus é direta: “Não são os que têm saúde que têm necessidade de médicos, mas os doentes: *Οὐ τρεῖς ἔτι σὺν οἱ ἰσχύοντες ἰατροῦ ἀλλ’ οἱ κακῶς ἔγοντες*” (v. 12). Esta resposta distingue os doentes dos sãos e mostra claramente pela imagem do médico, que o Jesus mateano se encontra a serviço dos fracos, debilitados e doentes. Por uma formulação técnica onde encontramos paralelo na literatura dos *tanaim* (“saia e estude”: *תלך וקח*),<sup>2</sup> Mateus exorta os fariseus e aos leitores/ouvintes à reflexão apelando à citação da primeira parte do versículo 6 de Oséias: “Ides, portanto, e estudais o que significa ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’: *πορευθέντες δὲ μάθετε τί ἐστίν, Ἐλεος θέλω καὶ οὐ θυσίαν*” (v. 13a). Mateus, como, aliás, fazem também os outros sinóticos, explica isto ao dizer imediatamente em 13b: “Pois, eu vim chamar não os justos, mas os pecadores: *οὐ γὰρ ἤλθον καλέσαι δίκαιους ἀλλὰ ἀμαρτωλούς*”.

Que relação Mateus estabelece entre a misericórdia e os pecadores? Segundo Davies e Allison, o ponto crucial de Mt 9,13 seria este do status a dar aos justos (DAVIES; ALLISON, 1997, p. 106-107). No contexto mateano, “os justos” remetem,

<sup>1</sup> Quanto à delimitação e a colocação das cinco narrativas de controvérsia em cada um dos sinóticos, nós as tratamos no capítulo 2 de nossa pesquisa de doutoramento. Aqui, nós nos limitamos em dar uma resposta à questão do vínculo mateano entre as duas narrativas tecidas pela citação de Os 6,6a, pois trata-se de recurso exclusivo e utilizado pelo primeiro Evangelho.

<sup>2</sup> Trata-se de uma exortação crítica para tirar os mestres da rotina da casa de estudo e descobrir, nos lugares e caminhadas, a dureza da vida do povo (FRAENKEL, 1996, p. 85-130).

com certa ironia, aos fariseus, enquanto que Jesus vem para os pecadores. Contudo, ninguém, nem mesmo os fariseus, é em si mesmo verdadeiramente justo. Dessa forma, somos forçados em reconhecer que o apelo de Jesus pressupõe que todo homem seja pecador e tenha necessidade de sua misericórdia. Podemos acentuar aqui esta generalização dos pecadores, pois, além do testemunho das três versões sinóticas desta narrativa e das críticas mateanas aos fariseus, a própria tradição *tanaíta* faz sua autocrítica apresentando a diversidade dos fariseus conforme sua relação com Deus, com a *halakhá* e com os outros. Com efeito, segundo o *Talmud Yerushalmi, Berakhot 9,7*, existe ao menos sete tipos de fariseus:<sup>3</sup>

Há sete tipos de Fariseus:	שבעה פרושין הן
[1°] aquele que aceita a lei como um fardo;	פרוש שיכמי
[2°] aquele que age por interesse;	ופרוש ניקפי
[3°] aquele que contrabalança;	ופרוש קיזאי
[4°] aquele que poupa (por ostentação);	ופרוש מה הנכייה
[5°] aquele que pede para lhe indicar uma boa ação a cumprir;	פרוש אדא חובתי ואעשנה
[6°] aquele que age por temor e	פרוש יראה
[7°] aquele que é inspirado pelo amor.	פרוש אהבה

Esta lista encontra-se no final do tratado *Berakhot* num contexto de debate sobre o julgamento de Deus que pode se manifestar seja com justiça ou com misericórdia.<sup>4</sup> Esta lista não é exaustiva e apresenta um caráter paradigmático que visa mostrar, não somente a diversidade dos fariseus, mas também seu ideal visado, isto é, o de agir por temor e por amor.<sup>5</sup> Na sequência de seu comentário, *Berakhot* explicita: “o sexto age por temor, como Jó; o sétimo por amor, como Abraão, e este

<sup>3</sup> Nós seguimos aqui a tradução francesa (SCHWAB, 1933, tomo 1, p. 169). Esta mesma tradição *tanaíta* sobre os sete tipos de fariseus aparece no *Babli, Sotah 22b*.

<sup>4</sup> O debate dos mestres *tanaítas* porta aqui particularmente sobre a compreensão de Jó 1, 26: “O Senhor deu, o Senhor tirou: que o nome do Senhor seja bendito”.

<sup>5</sup> M. Hadas-Lebel (2021, p. 24-25), acentua a dimensão satírica desta apresentação dos fariseus associando-a com a visão da auto-ironia e do humor judaicos.

último degrau é o melhor de todos. Ele se assemelha a nosso patriarca Abraão cuja fé viveu e, por assim dizer, converteu os maus pecadores” (Talmud de Jérusalem, tomo I, p. 169).

Assim, os evangelhos sinóticos e a apresentação feita em *Berakhot* sobre o ideal farisaico, unem-se neste ponto fundamental, a saber, de que todo homem, justo ou pecador, tem necessidade da misericórdia de Deus. Dito isto, os evangelhos, e particularmente Mt 9,13, apresentam Jesus como um mestre misericordioso que pede e propõe o *hesed-ṭṛḥ* de Os 6,6 a todos e principalmente aos pecadores.

Este primeiro recurso à Os 6,6, no contexto de Mt 9,9-13, não faz nenhuma oposição entre misericórdia (ἔλεος) e sacrifício (θυσία) (BARTH, 1982, p. 82). A exortação de Jesus: “saia e estude” (τήλι χυ), em Mateus, valoriza a misericórdia aplicando-a precisamente a Jesus e a suas relações com os coletores de impostos e pecadores, isto é, com todos aqueles que estão à margem e que podem contar apenas com sua misericórdia.

Qual o sentido da misericórdia (ἔλεος) em Mt 12,7? É preciso compreender o segundo recurso mateano a Os 6,6 à luz do primeiro? Gerhard Barth tem esta proposição, pois, para ele, a misericórdia (ἔλεος) não exclui a prática do sacrifício (θυσία) e principalmente a prática das *mitsvot*, entre as quais se encontra a observância do *shabbat*.<sup>6</sup> Assim, de qualquer forma, esta dupla referência mateana a Os 6,6 e a seus vínculos, coloca a misericórdia como condição *sine qua non* da prática e da compreensão do *shabbat* na dupla narrativa de controvérsia de Mt 12. Isto nos permite afirmar o “*shabbat-misericórdia*”, isto é, a relação intrínseca entre a figura de misericórdia traçada por Mateus e sua compreensão do repouso shabbático, como chave de interpretação da dupla controvérsia mateana. Esta foi a tese central defendida em nosso doutoramento, no Instituto Católico de Paris, fundamentando-a no pano de fundo ou *background* judaico dos Evangelhos, especialmente o Evangelho de São Mateus (RIBEIRO, 2009).

---

<sup>6</sup> G. Barth (1982, p. 83), escreve: “The saying ‘I desire mercy and not sacrifice’ means here in the first place that God himself is the merciful one, the gracious one, and that the Sabbath commandment should therefore be looked upon from the point of view of his kindness. Only in this way is there a real connexion with the use of the same quotation in 9, 13: if Jesus does not shrink from a defiling association with sinners, it is because God himself is gracious and merciful, and therefore desires that we show mercy”.

Assim, nós fizemos uma pesquisa sobre as passagens citadas ou evocadas pelo primeiro evangelho em sua argumentação desenvolvida na dupla controvérsia. Pudemos assim descobrir em particular o contexto próprio de Os 6,6 e demonstrar que ἔλεος foi compreendido, pelo *Targum Jonathan* e por alguns comentários judaicos antigos, como obras de misericórdia. Esta dimensão de obras de misericórdia é desenvolvida por Mateus e se encontra particularmente no centro do debate sobre o *shabbat* que será compreendido como *shabbat-misericórdia* (RIBEIRO, 2016, p. 61-76). Esta compreensão mateana valoriza ἔλεος como obra de misericórdia, mas supõe também a compreensão de ἔλεος no sentido de Os 6,6, isto é, de uma prática que articula a fidelidade ao Senhor, o conhecimento de sua Torá e a oferta dos sacrifícios.<sup>7</sup> Vejamos agora, como esta problemática se desenvolve e de que maneira acontece a recepção desse texto da Escritura.

## 2. Oséias 6,6 segundo a *Septuaginta*

A *Septuaginta* (RAHFS; HANHART, 2006) traduz Os 6,6 da seguinte maneira:

Δί῀τι ἔλεος θέλω καὶ οὐ θυσίαν καὶ ἐπίγνωσιν θεοῦ ἢ ὀλοκαυτώματα.

“Pois, eu quero a piedade e não o sacrifício, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos”.<sup>8</sup>

Traduzindo cada termo hebraico por um equivalente grego, a LXX traduz aqui τῷ por ἔλεος. Este equivalente lexical entre τῷ e ἔλεος, conforme Jan Joosten, é praticamente invariável nos Doze profetas menores e nos Salmos.<sup>9</sup> Isto explica, de um lado, o fato dos tradutores gregos dos *Neviim* e dos *Ketuvim* frequentemente seguirem a tradução grega da *Torá* que faz de ἔλεος o equivalente maior de τῷ no Pentateuco. Por outro lado, o sentido literal praticado por estes tradutores pedia que um termo hebraico sempre fosse, na medida do possível, traduzido pela mesma

<sup>7</sup> Entre Gerhard Barth (1982, p. 82-83) que acentua de uma maneira exclusiva a misericórdia e Davies; Allison (1997, p. 104-105) que recordam o sentido dado a Os 6, 6, nós sustentamos que Mateus, acentuando todas as obras de misericórdia, também guarda o de Oséias em seu debate interno com os fariseus.

<sup>8</sup> Retomamos aqui a tradução francesa (BONS ; JOOSTEN ; KESSLER, 2002, p. 107).

<sup>9</sup> Nos Doze Profetas, sobre 13 ocorrências do termo ἔλεος (cujo duas vezes no composto πολυέλεος), 12 traduzem o hebreu τῷ. A mesma tendência se desenha nos Salmos, onde o termo hebreu é, contudo mais frequente. Sobre 127 empregos de τῷ, somente três não são traduzidos por ἔλεος. (JOOSTEN, 2004, p. 33).

palavra grega (JOOSTEN, 2004, p. 34). Entretanto, este equivalente lexical não passa sem colocar questões. Como este termo  $\tau\omicron\eta$  do qual o sentido primeiro é este “de amor, de fidelidade de Deus”<sup>10</sup> torna-se  $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\omicron\varsigma$  na LXX, isto é, misericórdia, benevolência ou piedade? Em outras palavras, se no texto hebraico de Os 6,6 se trata da atitude de fidelidade ou de lealdade pedida por Deus, como a LXX de Os 6,6 pode traduzir isto em termos de atos benevolentes em relação aos homens?

A explicação dada por Jan Joosten é a seguinte: traduzindo  $\tau\omicron\eta$  por  $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\omicron\varsigma$ , os tradutores de Os 6,6 vão valorizar mais o  $\tau\omicron\eta$  no sentido da relação para com os homens. “Este sentido não está automaticamente ausente no texto hebraico. Mas, o que em hebraico é um sentido implícito e secundário, em grego passa ao primeiro plano. A ‘lealdade para com Deus’ se tornou a ‘misericórdia para com os homens’” (JOOSTEN, 2004, p. 34).

Concluindo, a LXX, traduzindo  $\tau\omicron\eta$  por  $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\omicron\varsigma$ , valoriza mais as ações benevolentes para com os homens e mostra assim que, a relação de fidelidade a Deus, passa doravante pelas obras de misericórdia em relação aos outros.

Esta profunda compreensão de  $\tau\omicron\eta$  /  $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\omicron\varsigma$  será confirmada pelo *Targum* de *Jonathan*, pelas interpretações *tanaitas* de Os 6,6 e pelos recursos mateanos às “obras de misericórdia”, expressas particularmente na dupla citação de Os 6,6 pelo evangelho de Mateus.

### 3. A contribuição do *Targum* de *Jonathan*

O *Targum* de *Jonathan*<sup>11</sup> traduz assim Os 6,6:

אַרְי בְּעַבְדִּי חִסְדָּא רַעֲוָא קְדָמִי מִמְדַּבַּח וְעַבְדִּי אֲרִיָּתָא דִּי מִמְסַקִּי עָלַי

Pois, quem pratica [atos de] misericórdia diante de mim, me agrada mais do que aqueles que sacrificam, e quem pratica a *Torá* de Adonay mais do que aqueles que oferecem holocaustos.

<sup>10</sup> Gordon R. Clark (p. 267, 1993) conclui que  $\tau\omicron\eta$  é antes de tudo uma qualidade de Deus. Ele escreve: “The use of the word in the Hebrew Bible indicates that  $\tau\omicron\eta$  is characteristic of God rather than human beings; it is rooted in the divine nature, and it is expressed because of who he is, not because of what humanity is or needs or desires or deserves”.

<sup>11</sup> Nós seguimos o texto de *Mikraot Gedolot* e, também com algumas modificações, a tradução de (CATHCART; GORDON, 1989, p. 42).

O *Targum de Jonathan* traduz os quatro elementos centrais de comparação de Os 6,6, mas valorizando “a prática dos atos de misericórdia” e “a prática da *Torá* do Senhor”. Por duas vezes ele emprega a raiz עבד para dizer do serviço ou da prática da “אֲדֹנָי” e da “אֲדֹנָי דִּי יְיָ”. Isto, “a *Torá* de Adonay”, traduz o que o texto massorético denomina de “o conhecimento de Deus: יְדַעַת אֱלֹהִים”. O *Targum de Jonathan* valoriza assim as “obras de misericórdia” e a “prática da *Torá* do Senhor”, mantendo sua comparação com os sacrifícios e os holocaustos.

Para o *Targum de Jonathan*, esta comparação se faz não de maneira negativa, mas por empregar o termo מן por duas vezes que traduzimos por “mais que”: a prática dos atos de misericórdia mais que o sacrifício e a prática da *Torá* do Senhor mais que os holocaustos.

Em suma, o *Targum de Jonathan* compreende דָּוָה e יְדַעַת אֱלֹהִים de Os 6,6 como significando a prática da “misericórdia” e da “*Torá* de Adonai”. De um lado, esta dupla prática é preferível aos sacrifícios e aos holocaustos; por outro lado, a misericórdia e a *Torá* de Adonai se tornam doravante um serviço (עבד) ou uma prática.

#### 4. Alguns comentários judaicos sobre Os 6,6

A questão do “דָּוָה”, na tradição judaica foi pouco a pouco sendo entendida como “misericórdia” e “obras de misericórdia (גמילות חסדים)”. Não vamos ampliar aqui esta questão central, pois limitamos nosso estudo a três passagens fundamentais da tradição judaica *tanaita* que retomam com novos ares Os 6,6 para fazer das “obras de misericórdia” um dos três pilares da vida judaica.

##### 4.1. As obras de misericórdia: um dos três pilares da vida judaica (*Pirque Abot* 1, 2 e *Abot de Rabbi Nathan*, versão A, 4, 5-6 e versão B, 8,1).

Começemos pelo texto de *Pirque Abot* 1,2<sup>12</sup> que em seguida será retomado e comentado na *Abot de Rabbi Nathan*.

<sup>12</sup> Nós seguimos a edição (SCHECHTER, 1987, p. 18); nossa tradução literal, com algumas modificações, segue (SMILEVITCH, 1983, p. 25).

**a) Abot 1, 2**

<p>שמעון הצדיק היה משירי אנשי כנסת הגדולה הוא היה אומר על שלשה דברים העולם עומד על התורה ועל העבודה ועל גמילות חסדים .</p>	<p>Simeão, o Justo, um dos últimos homens da grande Assembleia, dizia: o mundo se mantém sobre três coisas: sobre a Torá, o serviço [do Templo] e as obras de misericórdia.</p>
--	---

Este texto no início de *Pirque Abot* vem justamente após a primeira *mishná* sobre o encadeamento ininterrupto da recepção e da transmissão da *Torá*. Ele apresenta de repente este ensinamento atribuído a Simeão, o Justo, no que diz respeito à *Torá*, ao serviço do Templo e às obras de misericórdia. Estes três pilares da criação são retomados e amplamente comentados na *Abot de Rabbi Nathan*.

**b) Abot de Rabbi Nathan, versão A, 4, 5-6**

O quarto capítulo de *Abot de Rabbi Nathan*, em sua versão A, abre-se pelo primeiro pilar: a *Torá*. Ele inicia citando Os 6,6 para mostrar que o conhecimento de Deus pelo estudo de sua *Torá* é mais apreciado do que os holocaustos. Este estudo da *Torá*, sublinha a tradição relatada, pode ser interrompido pela prática das obras de misericórdia, ilustrada por dois exemplos paradigmáticos: o matrimônio e o sepultamento. Assim, *Abot de Rabbi Nathan* faz uma releitura de Os 6,6 que valoriza o “*Talmud Torah*” e as obras de misericórdia.

O comentário *Abot de Rabbi Nathan* continua, em seguida, sobre o serviço do Templo, como fonte de bênção para a terra e seus habitantes.

Enfim, ele chega ao terceiro pilar, as obras de misericórdia (גמילות חסדים) que são introduzidas como sendo a origem do mundo e do seu desenvolvimento, anteriores aos sacrifícios.

Eis o texto das *Abot de Rabbi Nathan*, versão A, 4,5-6.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Nós seguimos a edição (SCHERCHTER, 1987, p. 21); nossa tradução literal, com algumas modificações, leva em conta as seguintes traduções (SMILEVITCH, 1983, p. 106-107) e (NAVARRO, 1987, p. 69). Enfim, para o estudo dos textos *tanaitas*, as citações bíblicas são colocadas em itálico.

<p>על גמילות חסדים כיצד הרי הוא אומר כי חסד חפצתי ולא זבח העולם מתחלה לא נברא אלא בחסד שנאמר כי אמרתי עולם חסד יבנה שמים תכין אמונתך בהם. פעם אחת היה רבן יוחנן בן זכאי יוצא מירושלים והיה ר' יהושע הולך אחריו וראה בית המקדש חרב אמר ר' יהושע אוי לנו על זה שהוא חרב מקום שמכפרים בו עונותיהם של ישראל. א"ל בני אל ירע לך יש לנו כפרת אחת שהיא כמותה ואיזה זה גמילות חסדים שנאמר כי חסד חפצתי ולא זבח</p>	<p>Sobre as obras de misericórdia. Como? Eis o que diz [a Escritura]: <i>Pois é a misericórdia que me agrada e não o sacrifício</i> (Os 6, 6). Desde seu princípio, o mundo foi criado apenas pela misericórdia, como está escrito: <i>pois, eu o digo: o mundo é construído com misericórdia; nos céus, tu estabelececes tua lealdade</i> (Sl 89, 3). Rabban Yohanan ben Zaccai uma vez saía de Jerusalém acompanhado por [seu discípulo] Rabbi Jehoshua que, à vista do Templo em ruínas, lamentava-se: “Melhor para nós agora que está destruído o lugar onde se expiavam os pecados de Israel!” [Rabban Yohanan ben Zaccai] lhe respondeu: “Meu filho, não temas, pois agora nós temos uma outra expiação tão eficaz quanto esta [praticada no Templo]. Qual? São as obras de misericórdia, como está escrito: <i>é a misericórdia que eu quero e não o sacrifício</i> (Os. 6,6)”.</p>
--	--

A introdução desta passagem de *Abot de Rabbi Nathan* começa novamente pela citação de Os 6,6 e, graças à expressão-chave  $\text{חֶסֶד}$ , uma aproximação de tipo midráshica é tecida com o Sl 89,3. Este elo intrabíblico feito pelo *midrash* se constrói em torno dos seguintes argumentos:

a) A palavra-colchete  $\text{חֶסֶד}$  de Os 6,6, do Sl 89,3 e do assunto do parágrafo sobre as “obras de misericórdia: גמילות חסדים”.

b) O termo “o mundo : עולם” aparece na introdução de *Abot* 1,2: דברים העומד על שלושה e também no início do Sl 89,3: “עולם חסד יבנה”. De um lado, isto permite ao *midrash* dizer que o  $\text{חֶסֶד}$  ou as obras de misericórdia são um dos pilares que sustentam o mundo e, por outro lado, fazer uma leitura assaz original do Sl 89,3.<sup>14</sup> Esta interpretação midráshica do Sl 89,3 apresenta uma excepcional afirmação da tradição *tanaíta*, a saber, que o mundo, ou a criação, é criado por misericórdia.

<sup>14</sup> Contrariamente às leituras e traduções bíblicas modernas que compreendem a expressão “עולם” no sentido de “para sempre: לעולם, cf. o v. 29”, o *midrash* o interpreta no sentido de “mundo”.

Passamos agora a Rabban Yohanan ben Zaccai, a seu discípulo Rabbi Yehoshua e a sua representação do serviço do Templo e suas obras de misericórdia. Este diálogo entre mestre e discípulo é atribuído a um dos maiores sábios do final do primeiro século.<sup>15</sup> Ele ilustra o quanto os meios judaicos do final do segundo Templo, contemporâneos da comunidade mateana, foram profundamente marcados pelo debate, perturbados pela destruição do Templo e criativos para reestruturar a vida judaica em torno dos três pilares: a *Torá*, a oração-culto<sup>16</sup> e as obras de misericórdia.

Conforme o texto, Rabban Yohanan ben Zaccai consola seu discípulo e através dele, aqueles que estariam demasiadamente ligados ao Templo e à antiga ordem dos sacrifícios. Levando em conta a destruição do Templo, lugar dos sacrifícios e da presença de Deus, ele busca e propõe uma nova modalidade de presença através da espiritualização da ordem social e religiosa que estava em sério risco de desaparecer com o final do segundo Templo. As obras de misericórdia se tornam então um dos pilares da vida judaica tão eficaz quanto o serviço do Templo. A citação conclusiva de Os 6,6 serve ainda uma vez mais de apoio escriturário para dizer que o דָּוָהּ, doravante vindo a ser גְּמִילוּת חַסְדִּים, é preferível ao Templo e a seus sacrifícios.

### **c) *Abot de Rabbi Nathan, versão B, 8,1***

Enfim, eis outro texto de *Abot de Rabbi Nathan, versão B, 8,1*. Esta passagem, fazendo uso do princípio “do leve ao grave” (הַקֵּל לַקֵּל וְהַחֲמֹר לַחֲמֹר),<sup>17</sup> traduz o balanceamento e os elos entre as quatro expressões-chave de Os 6,6. Além disso, as coloca num elo intrabíblico com 1 Sm 15,22. Ele mostra assim o quanto as obras de misericórdia e o conhecimento de Deus pela escuta-prática da *Torá* são superiores aos sacrifícios.

<sup>15</sup> A respeito da relação mestre-discípulo (LENHARDT, 2020, p. 59-105).

<sup>16</sup> Após a destruição do Templo, em 70 de nossa era, os mestres fariseus *tannaitas* vão pouco a pouco substituir o culto (עבודה) pela oração (תפילה) buscando articular as três orações cotidianas ao culto do Templo e a seus sacrifícios cotidianos.

<sup>17</sup> Esta distinção está talvez na origem do “*Qal wahomer*”, a primeira das sete regras hermenêuticas ou *middot* atribuídas a Hillel (STRACK ; STEMBERGER, 1986, p. 39-43).

Eis em duas colunas o texto e a tradução de *Abot de Rabbi Nathan*, versão B, 8, 1:<sup>18</sup>

<p>על גמילות חסדים מהו אומר כי חסד חפצתי ולא זבח ודעת אלהים מעולות הקיש הקל לקל והחמור לחמור ונמצאו לדברי תורה חמורים מעולות חמורות וגמילות חסדים שהיא קלה מזבחים קלים. וכן הוא אומר החפץ לה' בעולות וזבחים וגו'. רבי שמעון אומר חביבים עלי דברי תורה יותר מעולות וזבחים.</p>	<p>O que diz [a Escritura] sobre as obras de misericórdia? “pois é a obra de misericórdia que eu quero e não o sacrifício, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos” (Os 6,6). Este versículo compara aqui o mais leve ao mais leve, o mais grave ao mais grave; resulta que as palavras da <i>Torá</i> pertencentes à categoria do grave são superiores aos holocaustos que também pertencem à categoria do grave; e as obras de misericórdia pertencentes à categoria do leve são superiores aos sacrifícios que (também) pertencem à categoria do leve. E [a Escritura] diz também “<i>Adonai se agrada com holocaustos e com sacrifícios como com a obediência à sua voz? Eis que escutar vale mais que um bom sacrifício, e ouvir mais que a gordura dos carneiros</i>” (1 S 15,22). Rabino Simon diz: [O Senhor disse] “para mim as palavras da <i>Torá</i> são mais preciosas do que os holocaustos e os sacrifícios”.</p>
---	---

Esta passagem de *Abot de Rabbi Nathan* 8,1, na sua versão B, articula propositalmente os quatro termos-chave de Os 6,6 aplicando aí o princípio do “mais leve ao mais grave”: לדברי תורה חמורים מעולות חמורות וגמילות חסדים שהיא קלה קלים: מזבחים. A *Torá* é comparada assim aos holocaustos, e as obras de misericórdia aos sacrifícios. Esta comparação respeita estritamente as diferenças, pois há comparação entre as Palavras da *Torá* e as obras de misericórdia. Além disso, a conclusão em nome do rabino Simão vem confirmar a superioridade da *Torá* cujas palavras são mais preciosas que os holocaustos e os sacrifícios.

Em conclusão, durante o período dos *tannaim*, as obras de misericórdia com a oração e a *Torá* vindo a ser *Talmud-Torah*, pouco a pouco vão reestruturar a vida judaica e permitir ao povo judeu forjar uma identidade vinculada com Deus e os outros.

<sup>18</sup> *Abot de Rabbi Nathan* (SCHECHTER, 1987, p. 22). Nossa tradução literal, com algumas modificações, leva em conta as seguintes traduções, (SMILEVITCH, 1983, p. 309) e (NAVARRO, 1987, p. 292).

#### 4. 2. Os animais e o ser humano face ao *shabbat-misericórdia*

A argumentação de Mt 12,11-12 acerca da ovelha caída num buraco no dia de *shabbat*, nos conduz a colocar a questão a respeito da relação entre os animais e o *shabbat*. Devemos procura também qual elo ou relação existente entre esta argumentação mateana e a misericórdia.

Segundo John Nolland, “Jesus’ argument is intended to operate at the visceral level of imagination and experience and not at the level of scholarly analysis” (2005, p. 488). De fato, esse forte apelo à experiência, em forma de argumento judaico *qal wahomer*, tem por objeto as características mateanas das duas narrativas de controvérsias. São Mateus estabelece uma analogia entre a ovelha e o ser humano (NOLLAND, 2005, p. 488) para responder à interrogação dos fariseus. Desta forma, Mt vai tirar uma dupla conclusão desta analogia: “*πόσῳ οὖν διαφέρει ἄνθρωπος προβάτου*. Portanto, quanto um ser humano vale mais do que uma ovelha!” e “*ὥστε ἔξεστιν τοῖς σάββασι καλῶς ποιεῖν*. Consequentemente, no (dia de) *shabbat*, é permitido fazer (o) bem”.

Por outro lado, por analogia à narrativa de Lc 14,1-6 sobre a cura de um hidrópico num dia de *shabbat*, Mateus emprega um vocabulário um pouco diferente, falando de ovelha (*πρόβατον*), de ser humano (*ἄνθρωπος*) e de buraco (*βόθυνος*).<sup>19</sup> Esta imagem, em estreita ligação com o *shabbat*, nos remete a um terreno comum e certificado, por exemplo, no *Document de Damas* e na *Tossefta Shabbat* 14,3.<sup>20</sup> Eis, inicialmente, a passagem do *Documento de Damas* 11,13-17:<sup>21</sup>

<p><sup>13</sup> Que ninguém ajude um animal ao este criar no dia do <i>shabbat</i>; e se ele cair numa cisterna <sup>14</sup> ou numa valeta, que não o levante no <i>shabbat</i>.</p>	<p><i>vacat</i> <sup>13</sup> {אל} אל יילד איש בהמה ביום השבת <i>vacat</i> ואם תפיל (תפול) אל בור<sup>14</sup> ואל פחת אל יקימה בשבת <i>vacat</i> אל ישבית (ישבות) איש במקום קרוב <sup>15</sup> לגוים בשבת <i>vacat</i> אל יחל</p>
---	--

<sup>19</sup> Lucas fala de um filho (υἰός) ou de um boi (βοῦς) e de um poço (φρέαρ).

<sup>20</sup> O *Document de Damas* 11,13-14 menciona a queda de um animal numa cisterna (בור) ou num buraco (פחת); a *Tossefta Shabbat* 14, 3 também relata a mesma tradição.

<sup>21</sup> Nossa tradução segue a edição (GARCIA MARTINEZ, 1997, p. 568-569). A tradução francesa desta passagem proposta (SOMMER; PHILONENKO, 1987, p. 172-173) não leva em conta seu contexto e ele compreende assim os números 16-17 de maneira positiva: “Mas todo ser humano que cai num lugar cheio de água ou num lugar ‘donde ele não pode subir’, que se ‘o faça subir’ com a ajuda de uma escada ou de uma corda qualquer”.

<p>Que ninguém celebre o <i>shabbat</i> perto dos gentios, no dia do <i>shabbat</i>.<sup>15</sup></p> <p>Que ninguém profane o <i>shabbat</i> por questões de riqueza e de lucro, o (dia do) <i>shabbat</i>.</p> <p><sup>16</sup> E todo ser humano que cair num lugar cheio de água ou num reservatório, <sup>17</sup> que ninguém o faça subir com a ajuda de uma escada, de uma corda ou de um objeto qualquer.</p> <p>Que ninguém ofereça alguma coisa sobre o altar no <i>shabbat</i>, exceto o holocausto do <i>shabbat</i>; pois está escrito: “<i>exceto vossos shabbats</i>” (Lv 23,38).</p>	<p>איש את השבת אל הון ובצע בשבת <sup>16</sup> וכל נפש אדם אשר תפול אל מים מקום {מים} ואל מקום (מקוה) <sup>17</sup> אל יעלה איש בסולם וחבל וכלי vacat אל יעל איש למזבח בשבת</p>
---	--

Em 11,13, este texto do *Documento de Damas* proíbe, e de maneira categórica, toda forma de ajuda a um animal que, durante o dia de *shabbat*, possa criar ou cair numa cisterna ou numa fossa. Em 11,16, ele faz da mesma forma se referindo ao ser humano. Se durante o *shabbat* este cair num reservatório de água, ninguém tem a permissão de vir em seu socorro com uma escada, uma corda ou um objeto qualquer. Como o demonstrou Lawrence Schiffman, esta legislação que tem por objeto o uso de objetos, tais como escada ou corda, levanta verdadeiramente a categoria de *muqtseh* (מוקצה), isto é, coloque à parte um objeto que serviria para uma atividade proibida durante o *shabbat* (SCHIFFMAN, 2006, p. 126-132).<sup>22</sup> Segundo Joseph Baumgarten, esta exigência radical da *halakhah*, se referindo ao *shabbat*, também aparece em outros fragmentos de textos *halákhicos* encontrados em *Qumran* (BAUMGARTEN, 1999, p. 68-69).

Levando em conta a categoria *muqtseh*, os mestres *tanaítas* parecem não acentuar a radicalidade das exigências *sabáticas*. No que diz respeito aos animais, por exemplo, eis como a *Mishnah Shabbat* 18,3, e também a *Tossefta Shabbat* 14,3 vão resolver esta questão *halákhica* aqui apresentada no original hebraico e em tradução:<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Adin Steinsaltz (1994, p. 191) faz uma lista de diferentes tipos de coisas colocadas de lado conforme a natureza e o uso dos objetos ditos *muqtseh*.

<sup>23</sup> Cf. PH. BLACKMAN (ed.), *Mishnayoth, Order Moed*. Ver também H. ALBEK, *Shisha Sidrei Mishnah* (ששה סדרי משנה). Para a *Tossefta*, Cf. S.LIEBERMAN, *Tosefta ki-Fshutah: A comprehensive Commentary on the Tosefta*.

## Mishnah Shabbat 18,3

## Tossefta Shabbat 14,3

<p>Não se retira o filhote de um animal, no dia de festa, mas pode-se ajudá-lo (a criar).</p>	<p>אין מילדין אַת הבהמה ביום טוב, אַבל מסעדין.</p>	<p>Se um animal cair num buraco, é preciso alimentá-lo no mesmo lugar a fim de que ele não pereça.</p>	<p>בהמה שנפלה לתוך הבור עושין לה פרנסה במקומה, בשביל שלא תמות</p>
---	--	--	---

De acordo com estas duas passagens, as práticas dos *tannaim*, referentes aos animais no dia de *shabbat*, são os extremos opostos de *Qumran*. Guardando toda exigência *sabática*, eles manifestam uma verdadeira preocupação com os animais. Sua *halakhá* prevê, com efeito, que o animal deve ser ajudado se, num dia de *shabbat* vier a criar ou alimentado se cair num buraco.

Quanto ao ser humano, a prática judaica dos *tannaim* para salvaguardar a vida vai desenvolver o princípio de *piquah nefesh* (פיקוח נפש), isto é, a possibilidade de transgredir os preceitos positivos ou negativos da Torá para preservar uma vida humana. Eis aqui alguns exemplos (BLACKMAN, 1956).

## Mishnah Yoma 8,6

## Mishnah Shabbat 18,3

<p>Rabbi Matthias ben Harach acrescenta: aquele que sofre da garganta, colocar-se-á, no <i>shabbat</i>, um medicamento em sua boca, pois há um risco perigosamente mortal. Ora, todo risco perigosamente mortal tem preferência sobre o <i>shabbat</i>.</p>	<p>ועוד אמר רבי מתא בן חרש, החושש בגרונו, מטילין לו סם בתוך פיו בשבת מפני שהוא ספק נפשות, וכל ספק נפשות דוחה את- השבת.</p>	<p>Durante o <i>shabbat</i>, pode-se ajudar uma mulher a dar à luz, chamar uma parteira de um lugar para o outro e até mesmo profanar o <i>shabbat</i>, fazendo-lhe o necessário para o cordão umbilical.</p> <p>Rabbi Yosé diz: Pode até mesmo cortá-lo. Far-se-á também tudo o que for necessário para</p>	<p>ומילדין את האשה בשבת, וקורין לה חכמה ממקום למקום, ומחללין עליה את השבת, וקושרין את הטבור.</p> <p>רבי יוסי אומר: אף חנתכין. וכל צרכי מילה עושין בשבת.</p>
---	--	--	---

		a circuncisão no <i>shabbat</i> .	
--	--	-----------------------------------	--

Apenas estes exemplos bastam para mostrar, de um lado, a preocupação maior de salvaguardar a vida, apesar de tudo; por outro lado, eles mostram que o repouso *shabbático* diz respeito a todos, mesmo aos animais, como sublinham claramente as duas versões do decálogo<sup>24</sup> na *Torá*.

Assim, a argumentação mateana (Mt 12,11-12) destaca mais a singularidade e o valor da ovelha que risca de perder sua vida no *shabbat*, o que a prática dos mestres *tannaim* não permitiria. Mateus estende esta argumentação também aos animais ampliando o princípio de salvaguardar a vida (SCHIFFMAN, 2006, p. 144). Por outro lado, o evangelista emprega uma analogia que estende até o extremo as relações entre o *shabbat*, os animais e o ser humano: “πόσω οὖν διαφέρει ἄνθρωπος προβάτου. Portanto, quanto um ser humano vale mais do que uma ovelha”. Se, conforme Mt e também Lc 13,15-16, os fariseus e talvez os mestres *tannaim* aceitam este princípio de proteger a vida, a argumentação *a fortiori* do Jesus mateano vai aqui até o extremo para afirmar o valor do ser humano e defender sua vida, particularmente no dia do repouso *shabbático*.

Por outro lado, esta imagem em Mateus de uma ovelha rara, até mesmo única, remete à narrativa de 2 Sm 12, na qual o homem pobre, em oposição ao rico, possui apenas uma única ovelha (ἀμνός – שׁכֶּבֶת). Essa será, portanto, pega pelo rico que a oferece em refeição a seu anfitrião. Nathan identificará este homem rico com Davi que envia Urias à morte para tomar sua mulher e seus bens.<sup>25</sup> Se levarmos em conta o contexto mateano, este referir-se intrabíblico de Mt 12,11-12 pode reforçar a compreensão de Mateus a respeito das obras de misericórdia e do *shabbat-misericórdia*. A figura da ovelha de 2 Sm 12 e o contraexemplo do homem rico e de Davi sugerem, de alguma forma, duas vias mateanas: uma traçada pelo *shabbat-misericórdia* e a outra por aqueles que agem sem o *shabbat-misericórdia* do Senhor.

<sup>24</sup> Olivier ARTUS (2005, p. 165-167), comparando as duas versões das dez palavras, destaca não somente a centralidade do preceito do *shabbat* nos dois decálogos, mas também a perspectiva legislativa e social do *shabbat* em cada uma das duas versões do decálogo.

<sup>25</sup> Esta encenação de 2 Sm 12 fazendo uma parábola muito poderosa, apresentando a narrativa, a violenta cólera de Davi e a breve e desconcertante resposta do profeta Nathan: “Este homem és tu!”.

### Considerações finais

Retomamos as aquisições desta pesquisa: nós desenvolvemos e demonstramos que as obras de misericórdia (*גמילות חסדים*) são uma figura central em alguns dos *targumim* e para os mestres *tanaítas*. Sua pluralidade e sua unidade se fazem em torno da *Torá* que traz em seu bojo a misericórdia/ *Hesed* e constitui um incessante apelo à ação e à imitação de Deus que, nas Escrituras, age praticando as obras de misericórdia para com os homens.

Mostramos, em seguida, como esta figura das obras de misericórdia encontra-se mergulhada em um *milieu* ou terreno vital bem característico do mundo bíblico-judaico do segundo Templo e no Evangelho de São Mateus vai se tornando um ponto nevrálgico de discernimento escatológico-ético e uma resposta-chave à dupla controvérsia sobre o *shabbat*. Assim, argumentamos que se trata do *shabbat-misericórdia* mateano, como chave de interpretação das controvérsias com os fariseus e, como resposta singular do primeiro Evangelho à prática judaico-cristã das obras de misericórdia, fundamentada na *Torá* e explicitamente desenvolvida pela Tradição bíblica a partir de Oseias 6,6.

### Referências

- ALBEK, H., **Shisha Sidrei Mishnah** (*ששה סדרי משנה*). Jerusalém: Bialik e Dvir, 1952.
- ARTUS, Olivier., **Les lois du Pentateque**: points de repère pour une lecture exégétique et théologique. Paris : Cerf, 2005.
- BARTH, G., “Matthew’s Understanding of the Law” em G. BORNKAMM, G. BARTH e H. J. HELD, **Tradition & Interpretation in Matthew**. Londres: SCM Press, 1982, p. 82.
- BAUMGARTEN J. & alli (eds.), **Qumran Cave 4, Halakhic Texts (DJD 35)**. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- BLACKMAN, Ph., (ed.), **Mishnayoth**, Vol 1-VII. Londres: Mishnah Press, 1951-1956.
- BONS, E., JOOSTEN, J. e KESSLER, S., **La Bible d’Alexandrie, Osée**. Paris : Cerf, 2002.
- CLARK, Gordon R. **The Word Hesed in the Hebrew Bible**, (JSOTSS 157). Sheffield Academic Press, 1993.
- CATHCART, K. J. & GORDON, R. P., **The Targum of the Minor Prophets (The Aramaic Bible vol. 14)**. Edinburgh: T&T. Clark, 1989.

DAVIES, W.D. and ALLISON, Dale C., **The Gospel According to Saint Matthew**. Edinburg: T&T Clark, vol. I (Mt 1-7), 1988; vol. II (Mt 8-18), 1991; vol. III (Mt 19-28), 1997.

DUPONT-SOMMER, A. e PHILONENKO, M., (eds.), **La Bible: Écrits intertestamentaires**. Paris: Gallimard, 1987, p. 172-173.

FRAENKEL, Y., **Le monde spirituel des contes aggadiques**. Paris : Cerf, 1996.

GARCIA MARTINEZ, F., (ed.), **The Dead Sea Scrolls, Study Edition**, 1997, vol. I, p. 568-569.

HADAS-LEBEL, Mireille, **Les Pharisiens dans les Évangiles et dans l’Histoire**. Paris: Albin Michel, 2021.

JOOSTEN, Jan, “**‘τον ‘bienveillance’ et ΕΛΕΟΣ ‘pitié’. Réflexions sur une équivalence lexicale dans la Septante**”, in : E. BONS (éd.), « Car c’est l’amour que me plaît, non le sacrifice... », *Recherches sur Osée 6,6 et son interprétation juive et chrétienne (SJSJ 88)*. Leyde/Boston : Brill, 2004, p. 25-42.

LENHARDT, Pierre, **À escuta da Tradição de Israel, na Igreja**. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2020, Tomo I.

LIEBERMAN, Saul, (Ed.) *Tosefta ki-Fshutah: A comprehensive Commentary on the Tosefta*. New York: **The Jewish Theological Seminary of America**, 10 vol., 1955-1988.

NAVARRO PIERO, M. A., **Avot de Rabbí Natán**, (Biblioteca midrásica 5). Valência: Verbo Divino, 1987.

NOLLAND, John, **The Gospel of Matthew**, (The New International Greek Testament commentary). Michigan-Cambridge: Eerdmans-Grand Rapids, 2005.

SCHIFFMAN, L. H., **The Halakhah at Qumran**. Leyde: Brill, 1975, p. 126 e 132.

SCHWAB, Moïse, **Le Talmud de Jérusalem**. Paris: G.P.Maisonneuve, 1932-1933, 11 vol.

STEINSALTZ, A., **Le Talmud Steinsaltz. Guide et lexiques**. Jérusalem, 1994, p. 191.

SMILEVITCH, E., **Leçons des Pères du monde. Pirqué Avot et Avot de Rabbi Nathan**, versão A et B. Lagrasse : Verdier, 1983.

SCHECHTER, S. (Ed.), **Aboth de Rabbi Nathan**. Vienne-Francfort: Kauffmann, 1887.

STRACK ; STEMBERGER, **Introduction au Talmud et au Midrash**. Paris : Cerf, 1986.

SCHIFFMAN, L. H., (“**Jewish Law in the Gospels and the Dead Sea Scrolls : ההלכה היהודית במגילות מדבר יהודה ובמספרי הבשורה שבברית החדשה ובמגילות מדבר יהודה**”), *Meghillot 4*, Jerusalém : The Bialik Institute, 2006.

RAHLFS, A; HANHART, R. **Septuaginta**, 2006, p. 495.

RIBEIRO, D. L., **La double controverse sur le Shabbat selon Matthieu 12: Etude de l’arrière-fond biblique et tannaïte de Mt 12,1-14**. Lille: ANRT, 2009.

\_\_\_\_\_. As obras de misericórdia como Imitatio Dei segundo as fontes judaicas e a resposta ético-escatológica de Mateus 25. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org.), **Misericórdia e vida acadêmica**. São Paulo: Educ, 2016, p. 61-76.